

NEGRITUDE E ESTÉTICA: O CONFLITO SOBRE A IMAGEM DA MULATA EM UM CONCURSO DE MISS (ARROIO GRANDE, RS)

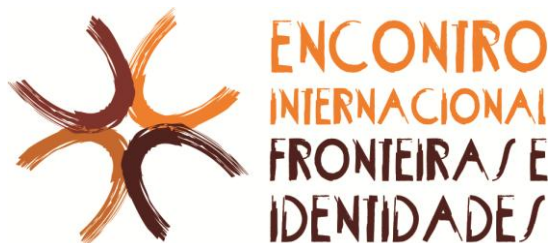
Beatriz Floôr Quadrado¹

Resumo: A proposta de trabalho refere-se a uma pesquisa que vem sendo realizada em nível de mestrado, com a temática sobre um concurso de beleza étnico com origem na cidade de Arroio Grande, interior do Rio Grande do Sul, chamado “Miss Mulata”. Com origem em 1969, o concurso durou 30 anos, alcançando um nível estadual. O Objetivo era de valorização da beleza negra, em um propósito de quebrar estereótipos e reelaborar a imagem sobre a mulher negra. Mas o que se deve questionar é utilização do termo “mulata”, pois o que se percebe pelo contexto do período, é um movimento de valorização pelos símbolos da estética negra, como por exemplo, o cabelo. Lembrando que a construção da mulata vai ao encontro de uma construção da dita “democracia racial”, e de uma mulher puro corpo, em um propósito pejorativo de miscigenação e a negação da mulher negra. O trabalho está focado na idéia de perceber o concurso baseado em um propósito de visualidade para fora do grupo negro, em uma espécie de estratégia de inserção na comunidade por meio de uma negociação com o branqueamento. A metodologia utilizada é a história Oral, além da análise de imagens fotográficas e audiovisuais, junto a acervos particulares e jornais.

Este trabalho é parte de uma pesquisa que está em andamento, a nível de mestrado, e que a abordagem se faz sobre um concurso de beleza étnico intitulado “Miss Mulata”, no Estado do Rio Grande do Sul de 1969 à 1999. O objetivo declarado pelo concurso é o da valorização da mulher negra. Com isso, busca-se entender a utilização da terminologia “mulata”, que se refere a miscigenação entre brancos e negros, e que também envolve uma gama de conflitos de identidade, tanto para a mulher negra, como mestiça, na história brasileira.

São relevantes para está análise as construções e as representações no que se denominou “mulata” no contexto brasileiro e para o grupo local, ou seja, os envolvidos na realização deste concurso, e as próprias candidatas. Busca-se valorizar as auto-representações e reconstruções sobre está terminologia, além da utilização da representação da mulata na luta contra o racismo, em especial sobre a mulher negra.

¹ Beatriz Floôr Quadrado; Universidade Federal de Pelotas (UFPel); Mestranda em História, bolsista CAPES; e-mail: biafloor@yahoo.com.br



Então, a pesquisa se utiliza de imagens, mais especificamente fotografias; acervos de jornais; e a História Oral como métodos de trabalho. Além de uma biografia voltada as questões da Negritude, como Munanga (2008) (2012) se tornará essencial para discutir questões ligadas à construção da mestiçagem no Brasil, que segundo este autor foi marcado por uma busca eugenista da sociedade para um branqueamento da mesma.

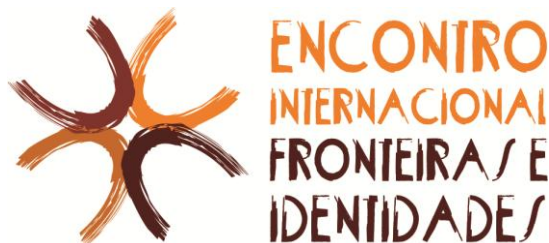
Para este trabalho será preciso diferenciar este de outros concursos que não são exclusivos de algum grupo étnico específico. Ele é construído para valorização de traços estéticos que representam mais do que apenas beleza, mas sim um corpo, que representa um movimento, uma nova história sendo construída. Com isso, o estudo da socióloga e antropóloga Sonia Maria Giacomini, e em especial o seu livro “A alma da Festa” (2006) se faz extremamente relevante, em que destaca os concursos de beleza no “Renascença Clube” no Rio de Janeiro. A autora ressalta os concursos como “quebra” de estereótipos, e um meio de fortalecer a autoestima da mulher negra. Uma base de inspiração para a pesquisa a ser realizada.

Nilma Lino Gomes, em “Sem Perder a Raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra” (2008), também é um importante estudo referente a questões de gênero e raça, em que analisa o conflito para a mulher negra e para a mulata dos estereótipos atribuídos aos seus principais signos de identidade. Tendo a rejeição como um passo, e depois a aceitação e valorização dos mesmos. Além de ressaltar a importância do estético para a população negra, como já ressaltado.

E por fim, para o conceito de identidade é utilizada as colocações de Stuart Hall (2006)(2012)(2013) acerca de uma identificação de diáspora africana, também é relevante no que tange à representação e imagem, junto à semiótica para um entendimento das terminologias utilizadas pelo concurso analisado.

“Miss Mulata” e valorização da Negritude

O concurso étnico “Miss Mulata” teve início na cidade de Arroio Grande, em âmbito regional até 1989, abarcando a região sul do Estado gaúcho. Segundo o idealizador Antônio Carlos da Conceição, conhecido por Dé, o concurso tinha três etapas de avaliação, em que não consistia apenas a beleza. Primeiramente era realizado um coquetel para apresentar as




candidatas, no qual a avaliação era comportamental, o modo de sentar, comer e falar. E por fim, no dia do evento, mais dois desfiles, novamente de maiô, e outro com vestido de gala. Aparentemente, não há qualquer diferença deste para demais concursos, havia construções de beleza e estereótipos dentro do grupo, esta idéia não é negada neste trabalho. Mas se deve pensar na necessidade de uma constituição específica, voltado a uma determinada etnia.

Ao questionar o idealizador do concurso sobre a construção do concurso e a denominação do mesmo, ele diz ser “para mostrar que negro é gente”, além de uma valorização da mulher negra. Também coloca que a mulata representa a mistura, o negro com o branco, diz não ter negro puro no Brasil. Para tais questões podem-se fazer duas análise, primeiramente, lembrar que a entrevistadora é branca, e isto influencia na fala do entrevistado. E que o próprio Dé é fruto de uma relação de uma mulher negra, sobre a qual destaca ser “bem vestida” e uma mulher “muita fina”, com um homem branco, ou seja, ele seria o dito Mulato, apesar de muitas vezes durante a entrevista, se autodenominar negro.

Cria-se uma ambigüidade, do que é ser negro ou mestiço, uma dificuldade de denominar-se. Segundo Gomes (2008) é um conflito que o mestiço vive em se fazer na relação de duas raças, em que o ser negro muitas vezes é negado por carregar historicamente na sociedade brasileira, estigmas negativos enquanto cor, negando por vezes sua humanidade, por isso, o desejo de mostrar-se gente. Na construção da Identidade Nacional, o mestiço é a mistura, e também é discriminado, principalmente por suas característica negras.

Ao perguntar as candidatas entrevistadas o motivo que levaram a participar do concurso, tem-se a questão de visualização e status, segundo elas, era um luxo, carro particular, cabeleireiro, manto, coroa e buquê de flores. Gerava a auto-estima para estas. Colocando a beleza do cabelo crespo, da pele negra, suas representações de identidade negra em destaque.

A Negritude é pautada para além da cor da pele, é algo ligado á história em comum de um grupo, da diáspora africana. Busca uma oposição a construção colonial de inferioridade sobre negros, para uma valorização de história e constituição de uma identidade. Munanga (2012) aponta como principal problema negro a alienação de seu corpo e a baixa estima. “A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude



ENCONTRO
INTERNACIONAL
FRONTEIRAS E
IDENTIDADES

antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos de identidade.” (MUNANGA, 2012, P.19)

E é junto à esta busca de visibilidade que se constrói o concurso, e a importância dos desfiles para a auto-estima. Ao perguntar as concorrentes e vencedoras do Miss Mulata, elas respondem:

Porque eu sempre gostei muito de desfilas [...] eu fui “Garota Swing”, [...], “Senhorita Guarani”, fui “Garota da Banda”, fui “Mais Bela Estudante” [...] eu sempre gostei.²

Pra gente era uma maravilha, era o auge. Era um status amais. Para uma menina de 17 anos era show, era tudo.³



Etapa de maiô do “Miss Mulata” 1993 (acervo pessoal)

² Entrevista realizada com “L” em 07 de julho de 2013, na residência da entrevistada, Arroio Grande. Entrevistadora: Beatriz Floôr Quadrado.

³ Entrevista realizada com “K” em 04 de julho de 2013, no trabalho da entrevistada, Arroio Grande. Entrevistadora: Beatriz Floôr Quadrado.



ENCONTRO
INTERNACIONAL
FRONTEIRAS E
IDENTIDADES

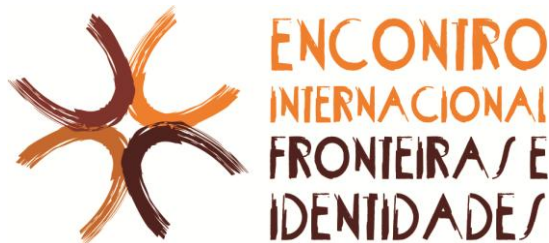


Etapa de vestido de gala do Miss Mulata 1993 (acervo pessoal)

O concurso era com base e avaliações de beleza e comportamento, muito provavelmente para descaracterizar os estigmas sobre a mulher negra, ideais estes que tem suas origens no período escravocrata, em que ocupava predominantemente o papel de escrava, sobre a qual estereótipos foram negativamente construídos, “[...] exploração sexual do seu corpo, que não lhe pertence pela própria lógica da escravidão.” (GIACOMINI, 2013, p.69). Um corpo concebido como meio de trabalho e objeto sexual.

Na cidade de Arroio Grande, como em muitos lugares no Estado do Rio Grande do Sul, no início do século XX teve-se a construção de um Clube Negro, chamado Clube Guarani (1920-2006), devido a proibição da entrada de negros em outras associações como clubes sociais e CTG’s. Dito isto, passa-se pelas considerações de Giacomini (2006), em um contexto de clube negro no Rio de Janeiro, sobre a possibilidade de pensar nestes concursos femininos étnicos, em específico do grupo negro, para fora destes espaços criados para si, uma visualização do grupo através de suas mulheres, mas para uma visão fora do grupo.

“Perversos” para a metade dos entrevistados, “feios” para esmagadora maioria: não surpreende, pois, que este grupo se ocupe diligentemente, por um lado, de estar sempre conforme as convenções e, por outro lado, que direcione tempo e atenção a um exercício de conhecimento da atratividade dos valores estéticos de suas mulheres, como



efetivamente parecem ter funcionado os concursos [...] É [...] objetivar o fortalecimento da autoconfiança e auto-estima do grupo [...] (GIACOMINI, 2006, p.121)

Também se pode pensar em uma apropriação, por parte do grupo, desta representação da mulata, para uma aceitabilidade na sociedade majoritariamente branca.

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p.204)

Uma forte representação para a mulher negra arroio-grandense, o que se percebeu pelas entrevistas, é a Miss Brasil de 1986, Deise Nunes. Ela representou Arroio Grande no Miss Mulata em 1982, mas no âmbito estadual ganhou o 2º lugar. Mas que posteriormente foi eleita Miss Rio Grande do Sul, e a primeira mulher negra a ser Miss Brasil e finalista do Miss Universo. As mulheres negras entrevistadas falam com orgulho de Deise Nunes sendo negra e ter participado do miss Mulata em Arroio Grande, é uma representação de identidade desejada.

Mas por outro lado, havia afirmações estereotipadas da imagem da mulata, como o exemplo abaixo, nos jornais. Em que a mulher negra ou mulata tem seu corpo estereotipado, tanto visualmente, como a ligação ao desejo, e também ao nacional, como o samba e o futebol. A charge faz referência ao concurso Miss Mulata, e á uma grande festa popular chamada Calypso, uma espécie de casa noturna da cidade de Arroio Grande.



ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES



Acervo do Jornal “A Evolução” (dezembro de 1992, Arroio Grande)

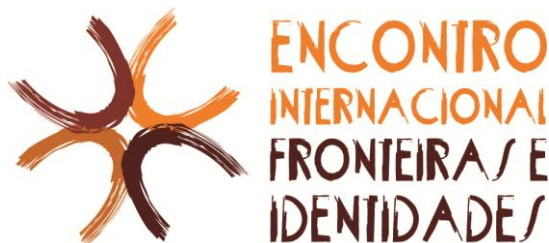
É relevante destacar que a mídia contribuiu para reafirmar representações sobre grupos, além também de criá-los, é uma prática social.

Ao longo da trajetória das relações raciais no Brasil, as imagens do negro foram manipuladas, recriadas e ressignificadas. Nos mais diversos meios de comunicação, tal imagem era tematizada, porém, nem sempre problematizadas. (OLIVEIRA, 2010, p.25)

O discurso se utiliza da linguagem e imagem para relações e práticas sociais, são relações de poder que visam, por vezes, manutenções. Neste caso se utiliza do “Miss Mulata” para tentar manter estereótipos e lugares para a mulher negra.

A imagem e a representação da Mulata

A mulata surge como resultado desta miscigenação, da “mistura”. A terminologia tem origem extremamente pejorativa, vem da denominação de mula, uma cruzada entre éguas e jumentos. Ou seja, o pensamento sobre esta terminologia é pela ótica da chamada mistura, a representação das três raças, o senso comum compartilhando o mesmo código conceitual e uma mesma interpretação deste signo, segundo a semiótica de Saussure. Mas obviamente não podemos desconsiderar todas as formas de poder social sobre esta representação. “A representação é uma parte essencial do processo pelo qual o sentido é produzido e trocado entre membros de uma cultura. Ele envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que respondem por ou representam coisas.” (Stuart Hall, 1997, p.1). São códigos compartilhados



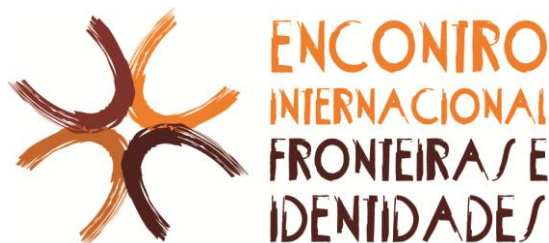
por uma cultura, chamada pela semiótica de “Mapas conceituais”, lembrando que estes se fazem de maneira arbitrária, são construções. E não se pode silenciar as relações de poder que estão envolvidas as questões das representações, seja pela linguagem ou imagens, são fenômenos sociais. (HALL, 1997). Com isso, as representações não são fixas, elas passam por mudanças como a terminologia “Mulata”, que surge de maneira pejorativa, mas que o concurso, em especial, desconstruiu e ressignificou.

Anzaldúa (2005) chama a atenção para o cuidado que se deve ter em relação a definições, rótulos e caracterizações. Em uma idéia de levar em conta a autodefinição de grupos, em dizer o que são e representam: “Según la concepción que tiene de si misma, así será” (Anzaldúa, 2005, p.710). Também atenta para as construções de imagens sobre grupos, e sobre as mestiças diz que: “Busco uma exoneração, uma visão de nós mesmas/os em nossas aparências verdadeiras, e não como a personalidade racial falsa que nos foi imposta, e nos impuseram.” (2005, p.714).

Esta construção sobre as questões de raça e etnia se deu por causa da variedade racial presente no Brasil no século XIX e XX, e sobre o que fazer com os ex-escravos integrantes, neste momento, à categoria de cidadãos. Segundo Munanga (2008), esta era a problemática para se estabelecer um nacionalismo, em um projeto de modernidade, que teve total influência européia para pensar as relações raciais. Em uma espécie de salvamento para o “problema brasileiro” teve-se as teorias da mestiçagem e branqueamento. Munanga coloca que: “[...] o processo de formação da identidade nacional no Brasil recorreu aos métodos eugenistas, visando o embranquecimento da sociedade.” (2008, p.15).

E é desta forma que o negro é incorporado pela sociedade brasileira na constituição de uma identidade, através de uma ambiguidade, que apresenta ao mesmo tempo a negação do ser negro e sua assimilação, em diversos âmbitos. Reconhece-se o samba, a capoeira, as religiões, tudo que antes era dito como negativo e proibido.

[...] tanto o candomblé como o samba constituíam os produtos culturais mais originais no Brasil e eram, portanto, capazes de distinguir simbolicamente o Brasil de outras nações latino- americanas e do mundo desenvolvido. Outra interpretação possível, e a que realmente prefiro, é que adoção de tais símbolos era politicamente conveniente, um instrumento para assegurar a dominação mascarando-a sob outro nome. (FRY, 1977, p.52)



Esta incorporação das raízes e identidades culturais negras na identidade nacional é uma forma de poder exercido para controle em uma falsa integração. Um domínio sobre a religião, cultura, e corpo negro que gera conflitos para a população afro descendente sobre si mesma, em um complexo de inferioridade que por muitos anos se justificou pelas teorias racialistas, e que se faz presente neste período inicial do século XX, pelo branqueamento.

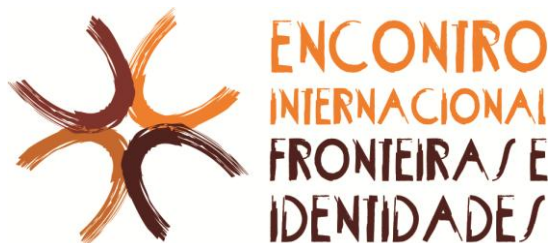
Estas construções afetaram profundamente a questão estética, pois a problemática da diversidade estava também sobre o fenótipo negro, em que coloca os principais símbolos da identidade deste grupo em um sistema de rejeição e exclusão. Por isso, o cabelo e o corpo foram, e atualmente prossegue alvos de mudanças por vezes violenta e traumáticas, como alisamentos, plásticas, entre outros recursos em busca de uma visualização, mesmo que seja ao encontro da branquitude.

Por volta de 1960 e 1970, tem-se a aparição de grupos e ativistas negros que vieram na luta pela valorização da estética e beleza negra, como “Black is Beautiful” e os Panteras Negras nos Estados Unidos, que influenciaram também os movimentos negros no Brasil. Entre 1970 e 1980, com Lélia Gonzales e Beatriz Nascimento, teve um momento de autonomia da mulher dentro do movimento negro no Brasil, o objetivo deste feminismo era manter um grupo unificado perante o persistente, “mito da democracia racial”, da herança escravagista e da mulher como objeto sexual.

É de extrema relevância destacar que “[...] para o negro, o estético é indissociável do político.” (GOMES, 2008, p.130). “O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos servindo de fundamento para a identidade.” (SILVA; HALL; WOODWARD, 2011, p. 15). Deve-se ter definido que a identidade é historicamente construída, e não biologicamente.

Devem-se destacar algumas definições de identidade, como colocado por Munanga (2012). Tem-se a “identidade objetiva”, esta apresentada através das características culturais, lingüísticas e definidas por estudiosos; e a “identidade subjetiva”, que se pretende valorizar nesta pesquisa, que é a maneira como o próprio grupo se define.

Por fim, as negativas imagens e o discurso estereotipado sobre o corpo negro foram reapropriados, foram reconstruídas para uma identidade do grupo em questão. O concurso busca se utilizar desta estratégia em favor de mulheres negras e mulatas utiliza-se a nomenclatura de “mulata”, mas o foco de valorização é sobre símbolos negros, referentes às



duas categorias. E se percebe é o sentimento de valorização, pelas participantes, de sua negritude e auto-estima.

Referências Bibliográficas

ANZALDÚA, Gloria. **La conciencia de La mestiza/ rumo a uma nova consciência**. Ver. Estud. Fem. Vd. 13. N.3. Florianópolis Sept./ Dec. 2005.

BACZKO, Bronislaw. **Los imaginários sociales: memórias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1985.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. IN: BARTH, Fredrik. (Org.). **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p.7-23.

CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da Mulata**. Cadernos Pagu (6-7). 1996. Disponível em: <http://www.nacaomestica.org/invencao_da_mulata.pdf> Acesso em: 3 Set. 2012.

FRY, Peter. Feijoada e “Soul Food”: notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais. _____. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1977.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da Festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro. O Renascença Clube**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro, IUPERJ, 2006.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulatas profissionais: Raça, Gênero e Ocupação**. Revista Estud.Fem. Florianópolis, n.1, Jan./Abr.2006. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/1278/1054>> Acesso em: 12 set. 2012.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. 2ªed. Curitiba: Appris, 2013.

GOMES, Nilma Nilo. **Sem Perder a Raíz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós- modernidade**. DP& A editoras: Rio de Janeiro: 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 2ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.



HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (Org.) **Representation: Cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997. Pág. 15-64

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos**. 3.ed, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. IN: Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

OLIVEIRA, Carolina dos Santos de. **Adolescentes negras: relações raciais, discurso e mídia impressa feminina na contemporaneidade**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

PINHO, Osmundo de Araújo. **O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação**. Cadernos Pagu (23), Julho- Dezembro de 2004, p.89-119.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-2012.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **Espetáculo da miscigenação**. Estudos avançados. 8(20), 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. **Lélia Gonzales e outras mulheres: pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo**. Revista da ABPN. V.1, n.1- Mar.- Jun. de 2010.